



SEÇÃO: VARIA

Edgar Morin e a escrita de vida: complexidade e (auto)biografia

Edgar Morin and the life writing: complexity and (auto)biography

Edgar Morin y la escrita de vida: complejidad y (auto)biografía

Gustavo de Castro¹

orcid.org/0000-0001-7126-6947
gustavocastroesilva@gmail.com

Recebido em: 14 fev. 2022.

Aprovado em: 6 jul. 2022.

Publicado em: 13 jun. 2023.

Resumo: Este artigo tem o objetivo de pensar a (auto)biografia a partir da metodologia da complexidade em Edgar Morin. Adepto contumaz da escrita autobiográfica, Morin produziu um grande número de obras no gênero, além disso, é autor da biografia de Vidal Nahum, seu pai. Ele misturou o gênero biografia e diário pessoal ao dedicar um livro a Edwige Agnes, de quem ficou viúvo, e com quem foi casado durante trinta anos. A partir de pesquisa bibliográfica, verificamos a forte presença do gênero autobiográfico na produção do francês. O autor compreendeu o indivíduo e a si mesmo dentro de um circuito comunicacional simultaneamente multidimensional, multirreferencial, compreensivo, aberto e inclusivo. Nossas conclusões mostram que, em Morin, existe uma "concepção sintética de vida", fórmula extraída de Arthur Rimbaud, que consiste em: a) "resolução de viver em diversos planos"; e b) "preservar zonas livres para a poesia, a literatura, o pensamento, mas também salvar a vida privada".

Palavras-chave: autobiografia; Edgar Morin; complexidade.

Abstract: This article aims to think about (auto)biography from the methodology of complexity in Edgar Morin. A staunch adept of autobiographical writing, Morin has produced a large number of works in the genre. In addition, he is the author of a biography about his father, Vidal Nahum. He mixed the biography and personal diary genre by dedicating a book to Edwige Agnes, of whom he was widowed, and to whom he was married for thirty years. Based on bibliographic research, we verified the presence of the autobiographical genre in the production of the Frenchman. The author understood the individual and himself within a communicational circuit that is simultaneously multidimensional, multireferential, comprehensive, open and inclusive. Our conclusions show that, in Morin, there is a "synthetic conception of life", a formula extracted from Arthur Rimbaud, which consists of: a) "resolving to live on different planes"; and b) "preserving free zones for poetry, literature, thought, but also to save private life".

Keywords: autobiography; Edgar Morin; complexity.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo pensar la (auto)biografía desde la metodología de la complejidad en Edgar Morin. Aficionado a la escritura autobiográfica, Morin ha producido una gran cantidad de obras en el género, además, es autor de una biografía sobre su padre, Vidal Nahum. Mezcló el género de la biografía y el diario personal dedicando un libro a Edwige Agnes, de quien enviudó y con quien estuvo casado durante treinta años. Con base en la investigación bibliográfica, verificamos la presencia del género autobiográfico en la producción del francés. El autor entendió al individuo ya sí mismo dentro de un circuito comunicacional a la vez multidimensional, multireferencial, comprensivo, abierto e incluyente. Nuestras conclusiones muestran que, en Morin, existe una "concepción sintética de la vida", fórmula extraída de Arthur Rimbaud, que consiste en: a) "decidir vivir en diferentes planos"; y b) "preservar zonas libres para la poesía, la literatura, el pensamiento, sino también para salvar la vida privada".

Palabras clave: autobiografía; Edgar Morin; complejidad.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

Introdução

É significativo e relevante o número de livros que Edgar Morin dedicou ao gênero autobiográfico. Desde o primeiro (*L'an zéro de l'Allemagne*, 1946), passando pela biografia de seu pai (*Vidal et les siens*, 1989) e da esposa falecida (*Edwige, l'inséparable*, 2009), pelos diários propriamente ditos, memórias, entrevistas, testemunhos, auto-críticas, até a autobiografia pessoal (*Les souvenirs viennent à ma reencontre*, 2019), enfim, toda esta produção incita e sugere uma pesquisa focada no campo autobiográfico do filósofo francês.

A proposta deste artigo é pensar a metodologia da escrita de si em Edgar Morin confrontada à sua obra autobiográfica e, em alguns casos, à obra técnica. Em breve levantamento percebemos que, dos 120 livros publicados até 2022, vinte², portanto, dez por cento, foram dedicados ao gênero (auto)biográfico, distribuídos entre autobiografia pessoal, diários, memórias, entrevistas e biografias propriamente ditas.

Devemos dizer que essas subdivisões corroboram para a compreensão da obra, uma vez que, a partir de Phillippe Lejeune (2014), todas podem ser classificadas no gênero autobiográfico. Em uma distinção menos rigorosa, podemos dizer que há um livro dedicado à escrita biográfica e 19 autobiográficas. Nossa contagem dos livros de Morin baseou-se na obra publicada em francês, neste sentido, buscou entender sua performance editorial diretamente em seu país. É a partir deste ponto de vista, portanto, que podemos afirmar que o gênero autobiográfico esteve próximo aos interesses do francês desde o primeiro livro *L'an zero de l'Allemagne* (1946), em que testemunha a situação da Alemanha após a perda da guerra. Naquele momento, Morin vai trabalhar no estado maior do I Exército francês em território alemão. No primeiro livro "autodidata", sua biografia já aparece misturada a eventos históricos:

Apaixono-me por essa Alemanha destruída, procuro os antinazistas para lhes oferecer

minha ajuda, vou a Berlim assim que posso, volto muitas vezes à cidade dantesca, faço relação na zona leste com um alto responsável soviético que "controla" o general Tchouikov; ele me confia a primeira carta do Marechal Von Paulus para sua mulher desde a tomada de Stalingrado, faço mergulhos nas quatro zonas, leio os relatórios de espionagem dos ingleses e dos americanos sobre os acontecimentos e as reações da opinião pública em sua zona; enfim, estimulado por Robert Antelme, que se tornara editor, ponho-me a escrever lá mesmo um primeiro livro autodidata [...] *L'An zero de Allemagne* (MORIN, 1997, p. 152, tradução nossa).

Em sua autobiografia pessoal (2019), conta que, neste período, visitou Martin Heidegger algumas vezes. Na primeira, Heidegger o trata friamente, talvez por vê-lo em uniforme militar. Na segunda, o filósofo alemão está sorridente, mais descontraído, leva-o à sua cabana na floresta, e Morin a descreve como um ambiente de extrema simplicidade e austeridade.

A nosso ver, os livros de Morin corroboram para uma teoria da (auto)biografia pelo fato de sua teoria da complexidade se fundar em noções como "vida", "identidade", "sujeito", "ética", "estética da vida", "dialogia", "recursividade", "parte no todo" (holograma) etc. Gostaríamos de trabalhar aqui a voz autobiográfica e as "escritas de si" em Morin, sem perder seu valor de objeto estético. Essa teoria da (auto)biografia está focada em ideias, reflexões, observações, análises temáticas, contaminada por pensamentos, metodologias e epistemologias. A nosso ver são claras as características estilísticas do francês neste gênero: esforço pela prática da sinceridade, da lucidez e, de novo, autocrítica.

Como se sabe, o gênero (auto)biográfico é "desviante" ou mesmo "marginal", uma vez que, segundo Jovita Gerheim, no prefácio *O Pacto autobiográfico*, de Phillippe Lejeune (2014, p. 10): "segundo princípios acadêmicos canônicos, [é] um gênero desconsiderado pela crítica tradicional, tido como subalterno". Jovita Gerheim informa ainda que é um gênero "subalterno",

² Outra classificação possível é [biografias]: a) *Vidal et les siens*, 1989; b) *Edwige, l'inséparable*, 2009; [autobiografias intelectuais]: c) *L'an zero de l'Allemagne*, 1946; d) *Autocritique*, 1959; e) *Le vif du sujet*, 1969; f) *Mes Démons*, 1994; g) *Ma Gauche*, 2010; h) *Mes Philosophes*, 2011; i) *Mon chemin*, 2008; j) *Mes Berlin* (2013); k) *Leçons d'un siècle de vie*, 2021; [autobiografia]: l) *Les souvenirs viennent à ma reencontre*; 2019; [diários]: m) *Journal de Californie*, 1970; n) *Journal de Chine*; 2007; o) *Journal de Plozévet*, 2001; p) *Une année Sysiphe*, 1995; q) *Pleurer, Aimer, Rire, Comprendre*, 1996; r) *Journal (1962-1987)*, 2012; s) *Journal (1992-2010)*, 2012; t) *Journal d'un livre*, 1981.

mas que possibilita "ângulo privilegiado para a percepção dos microfundamentos sociais pelos *selves* individuais" (2014, p. 11).

Este "ângulo privilegiado para a percepção" deste "*self* individual" que é Morin, nos permite abordar o conjunto de livros escritos e publicados sob as chaves de diários, memórias, testemunhos e entrevistas, autobiografias e autocríticas intelectuais e, por fim, a biografia propriamente dita. A título de proposta analítica, buscamos de maneira sintética expor as ideias-força acerca da autobiografia apresentando: a) o seu projeto autobiográfico e, b) sua filosofia da biografia.

A autobiografia: vida e morte

Phillipe Lejeune (2014) vê como imprecisas, problemáticas e confusas as constantes tentativas de demarcações e definições comunicacionais para o gênero autobiográfico. De modo geral, ele define como "narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade" (LEJEUNE, 2014, p. 16). Ele considera como "gêneros vizinhos" a autobiografia: a) a própria biografia; b) memórias; c) diários; d) romance pessoal; e) autorretrato ou ensaio; e f) poema autobiográfico, para, em seguida, observar: "É óbvio que essas categorias não são absolutamente rigorosas" (LEJEUNE, 2014, p. 17). Após uma curta digressão sobre cada um desses subgêneros, na qual chega a incluir até mesmo a crônica e a história social e política dentro deste espectro (em que pesem questões como "proporções", "hierarquias" e "transições"), ele admite, afinal, que somente a biografia e o romance não podem ser definidos dentro do gênero autobiográfico.

Em seguida arremata: "Para que haja autobiografia [...] é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem" (LEJEUNE, 2014, p. 18). Trata-se de uma "identidade", continua o autor, que "inventa numerosos problemas". As palavras que Lejeune escolhe para definir o gênero e seus limites são: "confusão", "dificuldades" e, de novo, "problema", o que claramente indica uma filiação com a temática

da complexidade. Lejeune executa, então, uma longa análise cercado narradores, discursos, a primeira pessoa, a terceira pessoa, a figura do autor, a biografia clássica, o pacto romanesco, o pacto fantasmático da ficção; em seguida, quinze anos depois, escreve o texto "Pacto biográfico (bis)", por fim, o ensaio "Pacto biográfico – 25 anos depois". Entre o primeiro ensaio teórico e o último, passaram-se 25 anos. Isso confirma que o objeto ganhou, com o tempo, níveis de complexidades, diferenças, retomadas e liberdades. À medida que os anos passaram, Lejeune foi reivindicando liberdade narrativa para o gênero.

Em suas primeiras obras, *L'an Zéro de l'Allemagne* (1946), *Allemagne notre souci*, 1947; *Une cornerie* (1948); *L'Homme et la Mort*, 1948; *Le Cinéma ou l'homme imaginaire*, 1956 e *Les Stars*, 1957, já surge, em Morin, o "pacto autobiográfico", uma vez que o francês, após o fim da Segunda Guerra, como se viu, ligou-se pessoal e diretamente à questão da Alemanha. Depois, interessa-se no tema da morte, em seguida, envolve-se com suas pesquisas acadêmicas sobre o cinema, a sociologia da cultura, a política e os estudos de comunicação. Em 1959, aparecerá a autobiografia intelectual *Autocritique*. Na época, Morin era editor da revista *Arguments*, ao lado de Cornelius Castoriadis e Claude Lefort, participava do Grupo de Estudos Marxista, na rue Saint-Benoît, com Marguerite Duras, Dionys Mascolo e Robert Antelme, e havia sido expulso do Partido Comunista francês (PCF) por ter escrito um artigo no *L'Observateur*, considerado um periódico a serviço da direita e dos interesses do FBI. A expulsão do partido, assaz traumático para Morin, foi narrada por ele para François Dosse (2021) da seguinte maneira:

Foi algo parecido a um desgosto de criança. Enorme e bastante curto. Eles arrancaram-me do partido que concentrava nele os poderes paternos e maternos; deste modo fiquei órfão. O partido era a comunhão cósmica, o amor da humanidade, a placenta materna e também a repreensão severa, a austeridade implacável e a sabedoria do pai. Era minha família (MORIN apud DOSSE, 2021, p. 219).

Em seguida, Morin começaria a tomar notas reflexivas do que havia sido a experiência no PCF,

a situação do comunismo na União Soviética e, em pouco tempo, publica *Autocritique* (Seuil, 1959). A partir deste momento, torna-se possível perceber a escolha de uma voz narrativa lúcida e discreta, "aparada pelo sentido de decência" (2015, p. 364); voz que se repetirá noutros livros. A referência à orfandade na citação acima não é uma simples metáfora. A experiência da perda, da morte e da orfandade já era, à ocasião, uma experiência dura ao francês. O primeiro capítulo de sua autobiografia publicada em 2019, *Les souvenirs viennent à ma reencontre* (Ed. Fayard), tem o título "Encontros com a morte" (tradução nossa).³ Segundo Morin, a morte é "uma lembrança profundamente inscrita em meu cérebro, mas da qual não tenho consciência"⁴ (2019, p. 11, tradução nossa).

Sua mãe, Luna Beressi, engravida, mas, aparentemente, aborta. Ela sofria de uma lesão no coração devido a sequelas da gripe espanhola e tal lesão a impossibilitava de ter filhos. Ao engravidar novamente, ela procura uma "fazedora de anjos"⁵ para fazer novo aborto, que não surte efeito. "Como desta vez Luna está condenada a dar à luz, ela revela sua doença cardíaca ao ginecologista, doutor Schwab, que confia a meu pai o perigo mortal que a mãe e a criança correm: 'De qualquer forma, vamos salvar a mãe'" (MORIN, 2019, p. 11). Na noite de 8 de julho de 1921, à rua Mayran, 10, o doutor Schwab faz o parto e extrai um bebê natimorto do útero de Luna, aparentemente sufocado pelo cordão enrolado em seu pescoço. Ele pega o bebê pelos pés e começa a bater nele sem parar, por um tempo suficiente a ponto de perder toda a esperança, até que, finalmente, surge um grito e a criança retorna à vida.

Morin cresce em simbiose com a mãe. Ela o

leva ao salão de chá nas galerias Lafayette, faz compras, leva-o a costureira para fazer ternos de marinheiro. Na primavera de 1931, a família se muda para a rua Rueil-Malmaison, onde seu pai tinha construído uma casa. Morin tinha dez anos, estudava no colégio Rollin e era um dos últimos dias letivos, quando ao sair da aula, viu seu tio Joseph ("Jo"), marido da irmã de sua mãe, Corinne. Ele tinha vindo lhe buscar e o levou para sua casa, dizendo que seus pais tinham ido viajar. Passados dois dias, ele foi levado à praça Martin-Nadaud, ao lado do cemitério Père-Lachaise. "Eu estava jogando não sei que jogo no gramado quando, de repente, vi um sapato preto, uma calça preta, um terno preto, um homem de preto, era meu pai. Foi uma intuição deslumbrante: compreendi imediatamente que minha mãe estava morta" (MORIN, 2019, p. 14, tradução nossa):

Fui devastado por uma Hiroshima interior. Ao mesmo tempo, escondi minha dor me trancando nos banheiros ou chorando à noite debaixo dos lençóis. Depois, escutei em silêncio meu pai me dizer que minha mãe estava viajando e eu odiei a mentira dele. Então tia Corinne achou por bem me informar que minha mãe tinha ido viajar para o céu, ao qual voltamos algumas vezes, mas nem sempre. Ouvi-a com aparente indiferença. Chegou o dia em que ela me disse: "Agora sou sua mãe", e eu não lhe dei nenhuma resposta. Senti secretamente uma usurpação da maternidade. Vendo minha atitude, meus pais concluíram que era insensibilidade ou estupidez, e tanto mais que no primeiro aniversário da morte de minha mãe me recusei a acompanhá-los ao cemitério. Os animais se escondem para morrer, eu me escondi para sofrer⁶ (MORIN, 2019, p. 14-15, tradução nossa).

O menino cresceu solitário e calado, sem amizade. "Senti-me sozinho e infeliz" (MORIN, 2019, p. 15). Às quintas e domingos frequentava o cinema, ouvia o disco *El Relicario* que sua mãe amava, até que seu gramofone se desgastou. Leu "com um

³ Do original: Rencontres avec la mort.

⁴ Do original: Je commence par un souvenir profondément inscrit dans mon cerveau, mais dont je n'ai aucune conscience, bien que ce soit les premiers des deux événements plus atroce de ma vie, le second, lui, est irrémédiablement présent dans ma conscience.

⁵ Denominação da época para as mulheres que orientavam outras na execução do aborto, atividade então proibida na França.

⁶ Do original: Je fus ravagé par un Hiroshima intérieur. En même temps, je cachais ma douleur en m'enfermant dans les cabinets ou en pleurant la nuit sous mes draps. Par la suite, j'écoutais en silence mon père me dire que ma maman était en voyage et j'eus son mensonge en horreur. Puis tante Corinne crut bon de m'informer que ma mère était partie voyager au Ciel, ce dont on revient parfois, mais pas toujours. Je l'écoutai avec une apparente indifférence. Vint le jour où elle me dit "Maintenant, c'est moi ta maman", et je ne lui fis aucune réponse. Je ressentis en secret une usurpation de maternité. À voir mon attitude, mes parents conclurent à une insensibilité ou une idiotie, et cela d'autant plus que pour le premier anniversaire de la mort de ma mère je refusai de les accompagner au cimetière. Les animaux se cachent pour mourir, je me cachais pour souffrir.

sentimento de extrema violência" Édipo-Rei, que estava na biblioteca da mãe. No final do verão, adoeceu a ponto de a febre ultrapassar os 40 graus. A garganta estava infectada com muco, e o médico de família, Dr. Amar, se sentia incapaz de diagnosticar o problema. Dr. Amar convocou dois colegas que também não souberam dar o diagnóstico. Deram-lhe, no entanto, a instrução de colocar gelo no seu corpo. Assim, sua tia Corinne limpou o muco que estava sufocando o menino. Após algum tempo, ele foi diagnosticado com febre aftosa.

Alguna coisa em mim me levou a morrer, seja pelo excesso de dificuldade de viver, ou para me juntar à minha mãe? Continuo convencido de que esta doença é consequência de seu desaparecimento, e só pude resistir à morte com os cuidados de tia Corinne e a ajuda do gelo⁷ (MORIN, 2019, p. 16, tradução nossa).

Não por acaso, essas experiências com a morte, somadas a outras perdas de amigos no período da Segunda Guerra, entre 1943-44, ocasião em que foi resistente na França invadida pela Alemanha fez com que Morin escrevesse, em 1948, *O Homem e a morte*. É possível perceber nas experiências e relatos sobre a morte, a importância que a vida ganha em seu pensamento, depois em seu *Método 2 – A vida da vida* (1980) e em outros livros.

Os Diários

Acerca do gênero autobiográfico há a percepção e a autoconsciência em Morin de que ele se enquadra dentro de uma tradição iniciada por Montaigne e Rousseau (MORIN, 2015, p. 12). De Montaigne, diz ter herdado "as virtudes da introspecção", o que significa reter "a ideia de que o mergulho em si vai desembocar na condição humana" (2015, p. 12). Aquilo que mais caracteriza continuamente seus ensaios autobiográficos é a obsessão em estabelecer ou superar a relação entre o subjetivo e o objetivo; a luta permanente contra a máscara da pseudo-objetividade. Se de

Montaigne herdou "as virtudes da introspecção", de Rousseau, influenciou-se pela "evidência de uma conexão misteriosa entre as diversas dimensões da nossa existência" (MORIN, 2015, p. 12), uma "sinceridade", que: "só mostrando-me aos outros, com as minhas fraquezas e as minhas descontinuidades, poderei ilustrar a minha ética autocrítica" (MORIN, 2015, p. 12).

Morin faz coincidir em sua escrita autobiográfica aquilo que chama de "eu múltiplo", em que trabalha a linha de sobreposição entre o subjetivo e o objetivo, e o "eu ensaísta", que não cessa de combinar a procura da verdade (cujo aspecto científico moderno tem de ser a preocupação com a verificação), e a procura de uma moralidade. Em síntese: "o exercício de uma meditação com a observação e a reflexão sobre a experiência pessoal com o conhecimento exterior" (MORIN, 2015, p. 12).

Em *Le vif du sujet* (1969), traduzido em Portugal como *O âmago da questão* (2015), e no Brasil como *O X da questão* (2003), logo na abertura da obra – misto de diário e meditação confessional – temos algumas pistas de como ele pensa a escrita autobiográfica, como um autocultivo de si. Referindo-se ao diário, diz: "Quando o escrevi [...] me cultivei a mim mesmo de certa maneira" (MORIN, 2003, p. 10); "trabalhando ideias-sentimentos que havia deixado em suspenso desde há muito – desde a adolescência" (2003, p. 10); "este livro foi [...] um momento essencial de (minha) relação com a vida" (2003, p. 10); "[...] quis deixar o *human touch* das pequenas notas pessoais que acompanham as longas reflexões abstratas, o *human interest* de um trabalho de si sobre si feito a quente [...]", "a vida dividida em vários planos separados e simultâneos, as espantosas descontinuidades do ser [...]", "a vontade do discurso coerente" (2003, p. 11).

"Eu escritor dos oito aos dezessete anos: romances de aventura, todos por acabar, depois um diário, que foi destruído e se perdeu. Tenho necessidade de escrever, isto é, de encontrar um

⁷ Do original: Est-ce que quelque chose en moi me poussait à mourrir, soit par excès de difficulté à vivre, soit pour rejoindre ma mère? Je reste persuadé que cette maladie est une conséquence de sa disparition, et je n'ai pu résister à la mort qu'avec les soins de tante Corinne et le secours de la glace.

modus vivendi com a fantasia" (MORIN, 2015, p. 361). "Os diários" enquanto escrita íntima e subjetiva são o ambiente dialógico por excelência, nos quais as diferentes vozes se lançam sobre um leque enorme e variado de temas da curiosidade e da vontade de conhecimento do autor. Trata-se de "um caos interno organizado pela sucessão dos dias" (ALVES, 2013, p. 19-20). Alves (2013, p. 19, grifo nosso) viu que nos "diários mantêm-se a solidariedade entre o *autor* e o *cientista*", e que o registro cotidiano, ou seja, o ritual da autobiografia, cria um ambiente dialógico e polifônico, cujo objetivo é o de "localizar nessa totalidade o ponto da nossa intranquilidade filosófica, a razão da nossa ansiedade científica" (2013, p. 19).

Késia Alves entrevistou Morin em 2009, em Salvador (BA), para a sua pesquisa de doutorado, justamente sobre os diários do francês⁸, e ao indagá-lo sobre tal produção, ouviu:

Quando escrevo um diário, o que me interessa é justamente essa maneira descontínua. Como por exemplo, pequenos eventos muito próximos que são muito importantes para nós ligando esses pequenos acontecimentos aos grandes acontecimentos sociais, planetários. A gente parte de um ponto de vista mais egocêntrico para um ponto de vista mais amplo da comunidade humana e sobre as grandes questões humanas (MORIN apud ALVES, 2013, p. 30).

Em um desses diários, *Edwige L'inseparable* (2009), Morin registra, de novo, "A espiral da morte", que lhe joga na triste lembrança da perda da mãe. Ali, anota a perda de Edwige Lannegrace Agnes (1932-2008), com quem viveu por trinta anos: "Terça-feira, 18. [...] As duas perdas horríveis em ambas as extremidades da minha vida: minha mãe, Edwige. Da minha mãe, eu estava sozinho depois de sua morte, encerrado em minha dor; desta vez eu não estou sozinho" (MORIN, 2009, p. 161-162). A dor lancinante é registrada dia a dia: "Domingo, 16. E que dizer de nós, de Nós? Raízes duplas, raízes misturadas em profundidade, impregnando todo o seu ser em meu ser. Lágrimas, lágrimas". O livro sobre Edwige é um

grande hibridismo, misto de memórias, diário, retrato, diário médico, depoimentos e biografias mistas (dele e da esposa). No livro fica claro que Morin tentou de tudo para resgatar a esposa da doença: publica a impressionante lista de todos os terapeutas consultados, conta ter chamado um curandeiro cabila, um médium sueco, um xamã yaqui, vindo especialmente do México. Em Paris realizou um rito que não surtiu efeito.

As perdas "nas extremidades da vida" (a mãe aos 10 anos e Edwige aos 87) vêm com a decisão de publicar seu diário pessoal. Segundo ele, isso nascia da "necessidade da escrita de si" (MORIN, 2009, p. 158), mas acreditamos ser igualmente um registro de sua necessidade de companhia, autossuperação e vontade de presença. Com a perda de Edwige ele se pergunta: "Como continuar a viver?":

Acordo esgotado. Continuo na cama, dor; 38,1° C de febre, e a dor de dente voltou [...]. Eu me levanto às 15h e pouco, com um cansaço enorme, suado de febre. Eu telefono à Andrieu e lhe digo, meio sério, que é o meu fim. Com firmeza ele me diz: Se você vai desistir, desista; se vai viver, vai ter que reagir. Você quer viver? – Sim (MORIN, 2009, p. 158).

Ao analisar os diários de Morin, Késia Alves entendeu que esse "exercício de escrever sobre si mesmo" passa por "um exercício da arte de viver, de transformar a vida, de torná-la possível" (ALVES, 2013, p. 33). Mediante essa escritura continua de si, Morin vai registrando os platôs, os vales e abismos de sua jornada: perdas, dissabores, viagens, conferências, cursos, encontros, leituras, jantares, pessoas que encontra:

Domingo 24 de junho. Jantar na casa de Cornelius [Castoriadis] e Zoé com os Paz. Octavio Paz sempre alerta, soberano, não diz nada em vão, todas as suas anedotas são sempre significativas. Sua mulher se insinua, o que me dá prazer: — Nós lemos com paixão tudo aquilo que você faz (MORIN, 2012, p. 127-128).

Para Alves (2013, p. 35), "com a leitura dos diários de Morin é possível perceber que tanto

⁸ Ela catalogou treze produções no gênero: *Amar, Chorar, Rir, Compreender; Diário da China; Diário de Califórnia; Um Ano Sisifo; Journal d'un livre; Journal de Plozévet; Edwige, L'inseparable; O X da questão - o sujeito à flor da pele; Retour sur soi; Apprendre à désespérer; Le serpente; Krisis; Annés Cruelles*.

o exercício epistemológico quanto o político, neste autor, exigem sempre um esforço extra: uma desconfiança de si mesmo". A desconfiança é movida pelas ideias de incerteza, incompletude e insignificância. Dito de outra forma, os diários aparecem em sua obra como o elo entre o homem e suas ideias, entre a vida enraizada do sujeito e seus princípios epistemológicos:

Para mim, evidentemente, eu parto da ideia de que meu diário é uma reflexão sobre as coisas que acontecem comigo e da minha maneira de conhecer as coisas. Para mim, são princípios epistemológicos. A pessoa que conhece as coisas exteriores deve também se conhecer do mesmo modo que ela conhece as coisas. Tem que introduzir o sujeito no conhecimento e isso é um princípio epistemológico e um método (MORIN apud ALVES, 2013, p. 42).

A prosa dos diários traz em si descontinuidades que estabelecem os caracteres do gênero. Lejeune entende que o diário é, ao mesmo tempo, arquivo e ação: torna a vida memorável porque lhe confere, a partir da eleição dos dados, uma identidade narrativa. Seu aspecto confessional tem como utilidade fazer o autor lidar com suas próprias emoções. Na entrevista que cedeu à Késia Alves (2013, p. 48), Morin assinalou: "Para mim o diário é um modo de expressão total. Tudo o que acontece na vida está anotado inclusive as coisas insignificantes. Para não esconder que em minha vida existem coisas insignificantes".

Késia conclui que os diários publicados por Morin não podem ser vistos como trabalhos fortuitos, mas um "ponto num holograma", uma maneira de não separar sujeito-objeto, proposta política e proposta para a educação por refletir o "como viver" e o "como aprender"; ampliação epistemológica, tomada de posições, meio para revisão de atitudes, forma literária, forma de ler e de escrever a vida.

A biografia do pai

Enquanto os diários pontuam quase à minúcia sua jornada, marcados pelo tom de registro da vida cotidiana, a série de livros dedicados

a reconstituir os rastros de sua formação e a construir parte de suas memórias, publicados pelos títulos "Meus", no sentido possessivo e pessoal, podem ser classificados de autobiografias intelectuais. Assim temos *Mes démons*, 1994; *Mon chemin*, 2008; *Ma Gauche*, 2010; *Mes philosophes*, 2011; *Mon Paris, ma mémoire*, 2013; *Mes Berlin*, 2013. Livros de difícil classificação, podem ser compreendidos dentro de um projeto de "introspecção-retrospecção"⁹ (MORIN, 1997, p. 8), "ideias obsessivas" (*Thémata*)¹⁰, a postura de "observador-observado", o "imperativo de auto-observação", de revisão e de autocrítica. Referindo-se, por exemplo, a *Mes démons* (1994), diz:

Este livro contém, necessariamente, elementos de autobiografia. Minha vida intelectual é inseparável de minha vida, como escrevi em *La Méthode*: não escrevo de uma torre que me separa da vida, mas de um redemoinho que me joga em minha vida e na vida. Nietzsche dizia: 'Sempre expus em meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa... Ignoro o que possam ser problema intelectuais'. Não sou daqueles que têm uma carreira, mas dos que têm uma vida (MORIN, 1997, p. 9).

O francês retoma nesses livros a proposta de uma *Autocritique* (1959) em que busca ser sincero o máximo possível, percebe, contudo, que seria mais correto dizer: "Sei que todo conhecimento [...] de uma vida, inclusive a própria, é, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução mentais" (MORIN, 1997, p. 10). Segundo ele: "Mesmo que quisesse me conhecer totalmente, eu sei, em virtude do princípio de Tarsky, segundo o qual nenhum sistema pode dar a si mesmo uma explicação exaustiva, que há em mim uma parte de inexplicável a mim mesmo" (MORIN, 1997, p. 9). É provável que o desejo de autoconhecimento e de reconhecimento dessa "parte inexplicável a mim mesmo" o tenha levado a insistir de maneira recorrente no gênero autobiográfico.

Além desses livros em que prevalece o "imperativo de auto-observação" e das "ideias obsessivas" há um grande número de obras híbridas que misturam memórias, testemunhos, conversas e entrevistas publicados em parcerias com diver-

⁹ O termo "retrospecção" é uma autocrítica a modo de retrospectiva.

¹⁰ Ideia desenvolvida por G. Holton (HOLTON, G. *L'invention scientifique, thémata et interpretation*. Paris: PUF, 1982).

sos¹¹ cientistas, filósofos, políticos e jornalistas. Se fôssemos contabilizar todas as entrevistas e os diálogos publicados dentro da proposta de autobiografia, sem dúvida, o número de obras no gênero cresceria consideravelmente.

A estratégia autobiográfica dará uma pausa na biografia que ele escreve do pai, publicada no Brasil com o título: *Um ponto no holograma: a história de Vidal, meu pai* (2006), que sai após a morte de Vidal Nahum, em 1984. A vida de Vidal que lhe interessa narrar vai além das relações pai-filho na medida em que representa a morte de uma cultura, neste caso, a dos sefardim ou judeus espanhóis. "Depois da queda de Granada, em 1492, o Islã é rechaçado da Europa ocidental, a Espanha impõe a judeus e muçulmanos o exílio ou a conversão" (MORIN, 2006, p. 11). Expulsos a partir do dia 2 de agosto de 1492, saem levando a chave de casa acreditando que retornarão em breve, mas ela demorará dois séculos. Expulsos, seguem para a Holanda (onde nasceu Baruch Espinosa), a Provença, África do Norte e o Império Otomano.

Cerca de 20 mil deles seguem para Salônica ou Tessalônica, cidade portuária grega no golfo Termaico, no mar Egeu, e transformam a cidade em um microcosmo da Espanha: catalães, aragoneses, castelhanos, andaluzes, maiorquinos, fundam e frequentam sinagogas, misturam-se a gregos, turcos e macedônios. "Com o tempo, o castelhano fagocita as outras línguas [...] desintegra o grego dos judeus romaicos e o iídiche dos arquenzitas" (MORIN, 2006, p. 15), passando a ser a língua predominante. Esse castelhano do século XV (sem o J) será redescoberto pelos espanhóis no século XIX e lhes parecerá exótico. O exílio dos marranos será duro e difícil e, por muitas gerações, as famílias guardam as chaves de suas casas na Espanha, passando de pais para filhos. A partir de meados do século XVI até 1912, os sefarditas são maioria em Salônica.

No primeiro século de nossa era, encontra-

ram-se em Salônica três tradições religiosas: a grega, a judaica e a cristã. No século XVII, com a chegada de um místico de Esmirna, chamado Shabbetai Zevi, os sefarditas acreditaram ter chegado ao fim a longa espera pelo Messias. Shabbetai prega a redenção universal por meio da relação entre o Bem e o Mal, muito próxima àquela dos Cátaros, ou seja, a coexistência e a interação de opostos, ao mesmo tempo antagônicos e complementares. Shabbetai, no entanto, acaba se convertendo ao Islã e o shabbetaísmo é reduzido a uma seita.

Morin retrata seu pai como um dos últimos judeus sefarditas europeus, simultaneamente, nômade e sedentário, ligado à família, alguém preocupado mais com a ética do que com a ideia de "Deus". Vidal Nahum ("Nahum" significa em hebraico consolação) nasce em Salônica em 14 de março de 1894, filho de David Nahum e Helena Frances. Seu pai, David Nahum é um homem apreciador dos prazeres da vida, moderno e bem-informado, trabalha em atividades de exportação e importação, metalurgia, dirige os depósitos de uma empresa de petróleo russo, recebe das mãos do cônsul da Bélgica uma medalha cívica de primeira classe da Ordem de S. Leopoldo, o que será motivo de orgulho para a família.

Em casa se falava espanhol e um pouco de italiano, mas o pai de Morin aprende na escola francês e alemão. Entre 1881 e 1897, Helena Frances dá à luz a seis crianças. O século XX chega em Salônica com a consolidação das ideias iluministas e ideias de confortos, boas maneiras e luz elétrica. "Os jornais de Paris, de Londres, de Berlim e de Viena são lidos e comentados nos clubes" (MORIN, 2006, p. 52-53). Vidal cresce assim numa grande rede familiar: irmãos, primos e tios que moram em Livorno, Alexandria, Usküp (Skoplje), Viena e Paris. Vidal está sempre muito alegre e bem-humorado, sempre cantando pela manhã; o riso é seu modo natural de comuni-

¹¹ Entre eles: Boris Cyrulnik, Peter Sloterdijk, Basarbu Nicolescu, Anne-Brigitte Kern, Gianluca Bocchi, Mauro Ceruti, Jean-Louis Le Moigne, Sami Nair, Alfredo Pena-Veja, Bernard Paillard, Jean Baudrillard, Raul Motta, Emilio-Roger Ciurana, Mireille Delmas-Marty, René Passet, Marie-Christine Navarro, Djénane Kareh Tager, Claude Lefort, Patrick Viveret, Gilles Vanderpooten, Stephane Hessel, François Hollande, Sebah Abouessalam, Patrick, Singainy, Tariq Ramadan, Régis Debray, Tahar Ben Jelloun, Michel Onfray, Olivier Weber, Jean-Christophe Rufin, Gilles Kepel, Michelangelo Pisto, Denis Lafay, Jean Rouch, Jean-Michel Blanquer, Pierre Rabhi, Michel Cassé, entre outros.

cação, mas ele também é muito medroso. Aos 22 anos, em plena Primeira Guerra Mundial, ao não se apresentar ao exército, é preso junto ao irmão Henri e levado para Marselha. Após a guerra, todos os Nahum se mudam de Salônica para Marselha e a França passa a ser nova casa da família. Ao ser liberado da prisão, um erro de ortografia no registro de Vidal mudará seu sobrenome de Nahum para Nahoum e ele não se incomodará com isso, passando a adotá-lo. Em 1920, Vidal se casa com Luna Beressi, filha mais velha do casal Salomon e Myrian. Salomon era igualmente corretor, trabalhava com importação e exportação, além de ser ateu. Após perder o pai assassinado, tornou-se o responsável por toda a família e, segundo Morin (2006, p. 120):

[...] Salomon, *self-made man* e autodidata, forjara uma crença e uma moral próprias. Adolescente, pareceu-lhe óbvio que um deus não teria permitido o covarde assassinio do pai. Ensina aos filhos que Deus não existe e que os seres humanos não precisam dessa ilusão: deve-se fazer o bem pelo bem, e não por temor a Deus.

Após ficar viúvo em 1921, Vidal, o pai de Morin, desenvolve uma obsessão pelos cuidados do filho, respeita o desejo da esposa morta de que o menino não siga a carreira comercial, mas a clássica (grego e latim). Assim, após o ensino médio, Edgar matricula-se em Filosofia e Direito. Com a chegada da Segunda Guerra, Vidal, então com 46 anos, é convocado pelo exército para uma fábrica de obuses, depois, na invasão da França pelas tropas alemãs, toda a sua família e o regimento de Vidal fogem para o sul a pé, onde se instalam em Toulouse. Vidal hiberna e vive clandestinamente com quatro identidades diferentes, alterna-se na casa de duas amantes, livra-se de grandes perigos, escapa da deportação, e teme sempre pela vida do filho que segue na resistência.

Após o fim da guerra, Vidal casa-se com Corinne, irmã de Luna – mãe de Morin –, que perdera o marido Joseph ("Jô") na guerra. Unem-se duas famílias, Vidal e seu filho e Corinne e seus três

filhos. Vidal reassume seus negócios, recupera o grande apartamento, a loja de confecções. Aos 66 anos, Vidal já está popular com as netas, patriarca, "papou" é seu apelido, agora um dos elos fortes entre as famílias Nahum e Beressi. Morin descreve o pai como alguém determinado e ativo, que não parecia ter problemas de consciência; agia como um grego animado, negociante, popular; agia ao modo oriental. Lia jornais todos os dias, inteirava-se dos fatos e acontecimentos, respeitava os políticos e aproximava-se deles. Morin cresce vendo o pai cantando, assoviando, festeiro, gostava de proporcionar encontros familiares nos cafés de Paris, e que não se furtava de emprestar dinheiro aos parentes e de "fazer casamentos" entre primos, primas e tios.

Segundo Morin: "Vidal permanece poeticamente infantil" (2006, p. 298). Não se importou quando o filho decidiu adotar o sobrenome na resistência, "Morin"¹² em vez de Nahoum. Mesmo que Corinne dissesse que Edgar era um herói de guerra, o pai não lhe dava crédito. Insistia que o filho não o havia obedecido quando solicitou que saísse da resistência. Também não se importou com o fato de o filho não ter frequentado a sinagoga, nem ter seguido religião: "todas as religiões são boas e honradas" (2006, p. 314), dizia Vidal. Nos anos 1960, Vidal viaja a Califórnia para visitar o filho que faz pesquisa no Salt Institute; nos anos 1970, busca as raízes dos marranos: vai à Málaga, na Espanha, retorna a Salônica, na Grécia, e apaixona-se por Livorno, na Itália, onde desejará viver. Na década seguinte, faz uma longa incursão pela Alemanha, navega o Reno e retorna a Itália.

A vida doméstica, contudo, tinha degradingolado. Corinne já não o suportava mais,¹³ assim pede para ele sair de casa. Depois de muita resistência, ele obedece. Vidal vai viver com o filho e a esposa Edwige, depois fica em hotéis. Vidal sente necessidade de informar ao filho o número de sua conta bancária, o segredo de seu cofre, o endereço da casa funerária. Pede que, após sua morte, seu corpo seja doado para a Faculdade de Medicina. Passados alguns meses, Corinne

¹² Durante a resistência francesa, Edgar Nahoum adotou o sobrenome "Morin".

¹³ Segundo Morin, a postura expansiva, sistemática e rotineira de Vidal, com o tempo, cansou Corinne.

repenha sua decisão e os filhos articulam o retorno deles. No entanto, menos de uma semana após, Vidal sofre um aneurisma cerebral enquanto falava ao telefone com Veronique, filha de Morin, vindo a morrer dois dias depois. Tinha vivido até os 91 anos. Até o fim seguiu assoviando canções gregas, francesas (marselhesas), alemãs, italianas (livornenses), espanholas e turcas.

A biografia de Morin termina com uma longa digressão em forma de avaliação reflexiva sobre o pai. Para o filósofo, seu pai tinha assumido a religião da família, para ele, ela era o centro espiritual a ser cultivado: os ancestrais, os descendentes e os parentes vivos. Vidal era também um homem dado a provérbios, entre eles, "A paciência é o segredo da felicidade". Em sua avaliação, Morin se pergunta e conclui:

Como então situar Vidal em função de seus pontos cardeais? Era incontestavelmente um homem do sul, um mediterrâneo. Mediterrâneo por seu amor ao sol, ao mar, aos portos, às comidas, aos azeites turcos, gregos, italianos, espanhóis, provençais. Era-o também por sua crença no mau olhado, tão profunda de um lado e do outro do Mediterrâneo. Assim, estava convencido de que não era convincente se envaidecer ou parabenizar a si mesmo, por medo de atrair azar. Quando admiravam seu bebê, ele não apenas evitava reforçar o elogio, como dizia: 'Ora, ele não é tão bonito assim.' Nunca teria dito que o filho tinha boa aparência ou era inteligente (se suspeitasse que o filho era inteligente, o fato de tratá-lo de *bovo* constituía parte de sua estratégia permanente contra o mau olhado) (MORIN, 2006, 418-419).

Complexidade e autobiografia

Em duas ocasiões, Diana Damasceno já havia observado a estreita relação entre a biografia e a complexidade, primeiro em sua tese de doutoramento, "Os múltiplos 'eus' – o espaço da complexidade" (1999), em seguida, no *Biografia jornalística – o texto da complexidade* (2002), ela mostrou que escrever biografia requer uma forma particular de reinterpretar o passado: "sujeita a vários desdobramentos, levando em conta que vidas podem ser entendidas como sistemas complexos" (2002, p. 56). Seguindo essa mesma linha de pensamento, acreditamos que as ideias de vida, sujeito, identidade e narrativa, são sistemas

complexos que formam a base compreensiva da proposta moriniana desde o final dos anos 1960.

Apesar de nunca ter escrito diretamente sobre uma filosofia da escrita (auto)biografia ou sobre a ideia de uma biografia comunicacional, podemos dizer que Morin praticou uma e outra. Fez filosofia da (auto)biografia ao unir a dimensão objetiva àquela subjetiva, o indivíduo que escreve não está dissociado de emoção, alma, subjetividade e de um ponto de vista singular. Fez biografia comunicacional ao colocar os circuitos culturais e as "trocas e comunicação" (MORIN, 2005, p. 228) no centro de sua proposta compreensiva de indivíduo. Sua filosofia da biografia posiciona-se no horizonte dos três princípios da complexidade: o dialógico, o hologramático e o recursivo. O próprio Morin defendeu o uso deles para o estudo do ser humano em seu *O Método 5 - A Humanidade da humanidade* (2005).

Segundo ele, no campo da complexidade, o pesquisador deve reconhecer o princípio hologramático em que "o indivíduo está na sociedade que está no indivíduo" (MORIN, 2005, p. 167). Ele reconhece que "cada ponto de um holograma contém a informação do todo de que faz parte" (2005, p. 229). Neste sentido, o estudo de um indivíduo é um "observatório privilegiado" (DOSSE, 2015) para o estudo do grupo social, classe e círculo a qual pertence àquele mesmo indivíduo. Os indivíduos sujeitos à biografização são "fragmentos de humanidade, dispersos há dezenas de milhares de anos, acham-se inconscientemente em conexão" (MORIN, 2005, p. 230), mas não podem, de forma alguma, longe disso, representar um conjunto unificado da Humanidade.

É preciso compreender o "jogo duplo da história" que opera com progressos e regressos, antagonismos e complementaridades, oposições e conciliações, e o "jogo duplo indivíduo-sociedade", que opera na sua condição de razão e loucura, *sapiens* e *demens*, dialógico e imutável, aberto e fechado etc. Como se sabe, desde Carlyle, o paradigma da escrita biográfica era o relato da vida dos "grandes homens". O marxismo, a nova história francesa e a micro história italiana mudaram este paradigma, passando a

atentar para as mentalidades de época, para os personagens humildes e desconhecidos. Morin retoma esta polêmica ao dizer:

As histórias tradicionais reconhecem o papel dos grandes homens, ou seja, do indivíduo na história. A antiga nova história os varreu por só ver forças anônimas em ação nos processos deterministas. O marxismo fez deles marionetes, manobrados pelas classes sociais; Hitler foi reduzido a um fantoche do grande capital; o trotskismo simplificou Stalin a executor da burocracia. Há grandes homens sem dúvida pela força do caráter, pela vontade implacável, pela estratégia engenhosa e, também, em parte, pela sorte, pelo imponderável (MORIN, 2005, p. 208).

Entendemos o "imponderável" como central na proposta biográfica de Morin. A "sorte" e o "imponderável" evocam o "pequeno X"¹⁴ da historiadora francesa Sabina Loriga. Esses "grandes homens" não podem ser excluídos e desconsiderados totalmente. A singularidade não pode ser completamente subjugada ao determinismo histórico-social. Líderes políticos, religiosos, militares, artistas, cientistas, filósofos, entre outros, estão entre aqueles a que Morin chama de "pilotos e inspiradores"; cita Moisés, Buda, Jesus, Maomé; mestres do pensamento que tiveram influência sobre o destino de sociedades inteiras como Confúcio e Lao-Tzé; descobridores, pensadores e cientistas como Copérnico, Galileu, Bacon, Descartes, que liberaram o conhecimento da religião e abriram os caminhos das ciências modernas. Para Morin, não se pode retirar a importância do indivíduo: "Foi um Fermi quem elucidou a estrutura do átomo e Einstein quem levou o presidente Roosevelt a fabricar a bomba atômica. Foi um jovem pesquisador marginal, Watson, quem descobriu o DNA, a estrutura do patrimônio hereditário" (MORIN, 2005, p. 209).

O princípio recursivo, por sua vez, deve ser entendido, nesta proposta, como a impossibilidade de dissociação, um anel de produção mútua indivíduo/sociedade no qual as interações entre indivíduos produzem a sociedade, que se

constitui em um todo organizador, cujas qualidades emergentes retroagem sobre o indivíduo. "A emergência social depende da organização mental dos indivíduos, mas a emergência mental depende da organização social" (MORIN, 2005, p. 167). O egocentrismo inscreve-se no sociocentrismo e vice-versa.

Por fim, o princípio dialógico compreende a relação múltipla indivíduo/sociedade, no sentido de seus antagonismos e complementaridades. No sentido da complementaridade, não há indivíduos sem cultura, linguagem e sociedade; no sentido dos antagonismos, o egocentrismo diferencia-se do sociocentrismo, uma vez que a sociedade reprime pulsões, desejos, aspirações, no entanto, como se sabe, os indivíduos tendem a transgredir as barreiras, normas e interdições. Mas o indivíduo também possui suas ambivalências, ou seja, opera pelo espírito comunitário e rivalizante, possui interesses comuns e conflituosos, solidário e sociocêntrico etc. "Esse caráter duplo, herdado das sociedades mamíferas, desenvolvido nas sociedades arcaicas, está presente nas sociedades modernas" (MORIN, 2005, p. 168).

Ainda no campo das ambivalências é preciso dizer que, a partir de Jung, (JUNG, 2013, p. 41), Morin entende o ser humano dotado de uma autonomia parcial, interdependente, pois:

[...] a espiritualidade e a sexualidade não são coisas que possuamos e que estejam em nós; ao contrário são elas que nos possuem e nós que estamos nelas, pois são demônios muito poderosos! Complexifiquemos acrescentando que esses demônios são, ao mesmo tempo, exteriores e interiores a nós e que os possuímos e somos possuídos por eles (MORIN, 2005, p. 283).

Também não se pode desconsiderar o caráter formador da cultura no campo das normas, das influências precoces, pelo sistema de educação, o regime alimentar, os modelos de comportamento, que recalcam, inibem, favorecem, estimulam e determinam as aptidões individuais: "A cultura é, no seu princípio, a fonte geradora/

¹⁴ Incluímos aqui o imponderável no cerne do que Sabina Loriga advoga como o "pequeno X": "expressão de Johann Gustav Droysen, que, em 1863, escreve que, se chamamos A o gênio individual, a saber, tudo o que o homem é, possui e faz, então este A é formado por a + x, em que 'a' contém tudo o que lhe vem das circunstâncias externas, de seu país, de seu povo, de sua época, etc., e em que x representa sua contribuição pessoal, a obra de sua livre vontade" (LORIGA, 2011, p. 14).

regeneradora da complexidade das sociedades humanas [...] e condiciona o desenvolvimento das complexidades individuais" (MORIN, 2005, p. 166). A nosso ver são essas "complexidades individuais" o que interessa ao biógrafo perceber, estudar e escrever. É o conjunto dos caracteres dessas complexidades o que chamamos aqui de filosofia da biografia.

Metodologia da complexidade e o campo biográfico

Para dar conta das "complexidades individuais" no campo biográfico, o biógrafo (pesquisador, escritor ou estudioso) pode fazer uso de diversas ferramentas estratégicas com o objetivo de apreender os princípios dialógicos, hologramáticos e recursivos. Como "os indivíduos são policompetentes" (MORIN, 2005, p. 164), ele constitui, dentro de cada sociedade, um elemento/momento de um todo sociológico, um "nós" (do qual o sujeito apropria-se e nele se inclui segundo o princípio da inclusão). Seja qual for a sociedade, os indivíduos possuem uma esfera privada, destinada aos interesses e sentimentos pessoais, aos seus, aos próximos, ao cônjuge, filhos, pais e amigos, e uma esfera pública, destinada à cidade e à sociedade. "Tudo acontece como se houvesse duas câmaras do espírito de cada um" (MORIN, 2005, p. 167). Em muitos casos, nossa família é o elemento que simultaneamente nos liga ao arcaico, ao histórico e ao contemporâneo.

Na pesquisa biográfica complexa, o ser humano é visto a partir de uma vida trivial e não trivial, simultaneamente. Assim, do ponto de vista trivial:

A cada manhã, cada um faz sua higiene conforme os mesmos ritos, pega o metrô na mesma estação e segue o mesmo itinerário, chega ao trabalho na hora determinada, realiza as tarefas prescritas no mesmo horário. Contudo, se parecemos, muitas vezes, máquinas triviais, podemos em casos de perturbação, realizar os nossos programas por meios não triviais (MORIN, 2005, p. 280).

Do ponto de vista não trivial, observa:

[...] é nos momentos decisivos da existência que o ser humano pode escapar à ordem trivial. Um homem fascinado pelo olhar de uma mulher encontrada na rua, poderá abordá-la e mudar de vida. No momento de casar com o noivo que não ama, uma garota foge com o amante. No momento de partir para uma guerra que julga injusta, um recruta deserta. Mulheres resignadas revoltam-se e vão militar por seus direitos. Prisioneiros de guerra escapam. Disciplinados e submissos passam a resistir (MORIN, 2005, p. 281).

Nesse tipo de pesquisa biográfica o ser humano será visto preso às convenções e transgressor delas. Para Morin: "Quanto mais rica a consciência, mais ricas são as liberdades possíveis" (MORIN, 2005, p. 280). A consciência individual, contudo, forma-se muito lentamente e dentro de círculos de relações diversas. Não por acaso, em diversas ocasiões (1996a; 1996b; 1998; 1999; 2002; 2005), Morin apresenta a complexidade como um desafio ao pensamento, mais do que uma resposta, ressaltando-a em diversas obras como um problema metodológico. O método de investigação da complexidade surge dos pressupostos teóricos, mas, como lembra Morin (1996a, p. 335):

Uma teoria não é o conhecimento, ela permite o conhecimento. Uma teoria não é uma chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução; é a possibilidade de tratar um problema [...]. Uma teoria só realiza seu papel cognitivo, só ganha vida com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. É essa intervenção do sujeito que dá ao termo método seu papel indispensável.

Ou dito de outra forma, ainda no mesmo capítulo "Teoria e método", de *Ciência com consciência* (MORIN, 1996a, p. 337): "[...] a teoria não é nada sem o método, a teoria quase se confunde com o método ou, melhor, teoria e método são os dois componentes indispensáveis do conhecimento complexo." Para ele, a palavra método não significa metodologia, pois a metodologia é um guia *a priori* que programa a investigação, ao passo que o método se mostra somente ao longo da pesquisa, e comporta sempre descobertas e inovações.

Outra importante noção na pesquisa biográfica será a de “duplo”.¹⁵ Ela aparece e se instala, segundo Morin, até mesmo na relação do autor com a sua obra. Ele afirma em *Sobre a estética* (2017, p. 58):

O autor não é necessariamente consciente do conteúdo da sua obra, isso porque essa obra provém de um estado alterado no qual a criatividade ultrapassou sua consciência. Daí se origina a decalagem com frequência entre a pessoa do autor e sua obra. O livro *As memórias de além túmulo* ultrapassa a pessoa de François-René Chateaubriand. Assim como as obras de Céline ultrapassam consideravelmente a sua pessoa. O autor pode até se equivocar sobre o sentido de sua obra.

Neste mesmo livro, ele diz de si mesmo (2017, p. 62): “Fixei e antropologizei a mensagem: devemos garantir e cultivar em nós a poesia da vida, e escapar o máximo possível da prosa”. É possível entender as autobiografias intelectuais de Morin a partir da importante noção de “autocrítica”, conceito-método que apareceu, como vimos, em vários livros como uma dimensão necessária para “racionalizar o ser humano, racionalizar a história, racionalizar a vida” (MORIN, 2005, p. 287). O assim chamado “método autocrítico”, surge em 1959 com um livro homônimo (*Autocritique*). No final do livro, ele citará a sinceridade como prática necessária para a prática da autocrítica. A noção vai aparecendo sucessivamente em outras obras, como em *O Espírito do tempo 1 – Cultura de Massas no século XX* (1967), logo no início do livro, ao falar de seu “método”, destaca:

O método autocrítico, desentulhando o moralismo ativo e a agressividade frustrada, e o anti-kitsch desembocam naturalmente no método da totalidade. De uma só vez podemos evitar o sociologismo abstrato, burocrático, do investigador interrompido em sua pesquisa, que se contenta em isolar este ou aquele setor (MORIN, 2005, p. 20).

No mesmo livro, ele valoriza a “crítica intelectual” (autocrítica) como postura metodológica unida ao conjunto da “crítica dos intelectuais” (totalidade). Ao se referir ao método de estudo

e compreensão do humano estabelecido pelas ciências humanas observa que ele mutilou a ideia de humano em várias partes.

O que diz em *Sobre a estética* (2017), sobre o romance, vale igualmente para a biografia e a autobiografia, ou seja, que permite “enxergar a complexidade humana”: “O que falta nas ciências humanas é o conhecimento do humano em sua complexidade: nelas, ao contrário, o humano encontra-se compartimentalizado e dividido entre as disciplinas. O romance ensina a enxergar a complexidade humana” (MORIN, 2017, p. 107). Assim como a biografia, o romance “permite perceber a vida inserida nas interrelações e interações, em um tempo, em um lugar e uma sociedade *hic et nunc*” (MORIN, 2017, p. 107).

O verdadeiro tema das biografias, o ser humano, não se encontra senão de modo parcial e unilateral nas ciências humanas fragmentadas. Mas ele surge nas biografias em todas as suas dimensões: individuais, subjetivas, familiares, sexuais, oníricas, imaginárias, sociais, religiosas, céticas, econômicas, históricas etc. A partir da filosofia moriniana, podemos deduzir que o tema das biografias é o ser humano complexo. O gênero é uma boa introdução ao conhecimento de nós mesmos. Além disso, serve como modelo ético e pedagógico de compreensão, educação e reeducação das vidas. A biografia permite a compreensão pela empatia, e essa empatia é provocada e desenvolvida pela relação de envolvimento e participação do leitor com a obra, o que implica uma relação direta de projeção-e-identificação com seus personagens.

Considerações finais

Escrevente compulsivo, escriturário de si mesmo, registrador minucioso, em sua escrita de vida Morin faz um grande esforço pela prática da sinceridade, lucidez, crítica e autocrítica. Entende que as ideias são entes e forças poderosas, que agem de maneira interdependente dos seres humanos, capazes de muitos *imprintings*. O total

¹⁵ A noção de duplo (Doppelgänger) é estudada longamente por Morin no livro “O homem e a morte” a partir das noções de fantasma, espírito, imagem, ausência-presença, divindade, ancestralidade, ocultismo, morte-renascimento etc. A noção volta a aparecer nos seus livros sobre o imaginário do cinema, as atrizes de cinema, a cultura de massa e a estética.

de 20 livros aqui estudados dedicados à autobiografia intelectual revela a busca por situar suas ideias em seu tempo e apostar na compreensão. Em todo caso, o exercício metodológico e epistemológico da complexidade requer a tentativa de manutenção de um "metaponto de vista" capaz de articular diversas perspectivas, o que implica a tentativa de superar sua própria ignorância e o erro.

Em *Meus demônios* (1997) e na biografia sobre o pai, Morin narra um episódio ocorrido em 1944, que pode nos ajudar a entender a sua compreensão sobre a vida. Vivendo residência estudantil em Lyon com o amigo Jacques Francis Rolland, eles adotam uma "concepção sintética de vida" (MORIN, 2006, p. 250), que consiste em afirmar a vida em diversos planos: "Não deixar que o marxismo invadisse o campo mental, o comunismo invadisse o campo existencial" (1997, p. 114) ou: "levar uma vida rimbaudiana e marxista" [...] e "que conjuga a vida selvagem do militante bolchevista, a vida disciplinada do estudante marxista e a vida adolescente das festas-surpresa" (MORIN, 2006, p. 250). Significava: "preservar zonas livres para a poesia, a literatura, o pensamento, mas também salvar a vida privada" (MORIN, 1997, p. 114).

"Salvar a vida privada" é uma outra maneira de dizer "salvar a biografia". Em certo sentido, o modelo da "concepção sintética de vida" será uma ética, uma cosmovisão desdobrada, refeita e reformada na militância por uma ciência transdisciplinar, uma vida disciplinada e dedicada à pesquisa de ideias indisciplinadas; uma vida poética, aberta, alegre e sinuosa; ou uma militância pelo conhecimento compreensivo e complexo; uma vida disciplinada pela escritura compulsiva de artigos, livros, diários; uma autobiográfica intelectual, simultaneamente, selvagem, ancestral e adolescente.

Podemos dizer que o projeto autobiográfico e a filosofia da biografia em Morin podem e devem ser compreendidas a partir de seu método da complexidade. Ou seja, como um desafio para o pensamento, como visão aproximativa da auto-organização, dialógica, inclusiva, difícil, com aspiração a superação de fronteiras disciplinares

e temáticas, por isso mesmo, transdisciplinar.

Talvez o mais importante a destacar no recorte (auto)biográfico de Morin seja a importância que ele dá à ética e à estética. Para ele são duas formas de leitura e de escrita de vida, duas ideias-força de seu método. Seja no livro *Ética* (2007), seja em *Sobre a Estética* (2017), essas ideias estão inscritas na dimensão poética, artística, intensa, e na dimensão prosaica, ordinária, relacional da vida. Para ele, a estética implica um "transe" em que o artista/fruidor é possuído por forças além de sua compreensão. Podemos dizer que o mesmo ocorre na pesquisa biográfica: o biógrafo – muitas vezes sem o perceber –, penetra e participa do mundo do biografado mediante uma possessão e um transe.

Por fim, vale um balanço de minha visão de como o presente estudo sobre as autobiografias de Morin pode ajudar a avançar o campo teórico dos estudos (auto)biográficos. A pesquisa biográfica tem sua força em sua natureza transdisciplinar e complexa, e é justo a metodologia da complexidade o que pode corroborar – a nosso ver – uma (outra) visão de pesquisa (auto)biográfica. Tal visão está amparada não só em um método aberto, que acata a contradição, a incerteza e a busca de compreensão, como no interesse e proximidade com a ideia de duplo, sabedoria e poesia. Identifico, neste sentido, o "si mesmo" da pesquisa (auto)biográfica dentro de um circuito comunicacional simultaneamente multidimensional, multirreferencial, caótico e autopoético. Um pensamento autobiográfico que sugere investigar a poesia que é pensar a vida.

Referências

ALVES, Kesia Cristina França. **Diários de Edgar Morin: vida, política, complexidade**. 2013. 154 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2013.

DAMASCENO, Diana. **Biografia jornalística – O texto da complexidade**. Rio de Janeiro: ed. UniverCidade, 2002.

DAMASCENO, Diana. **Entre os múltiplos 'eus': os espaços da complexidade**. 1999. 250 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 1999.

DOSSE, François. **A saga dos intelectuais franceses** – 1944-1989. São Paulo: Iluminuras, 2021. v. 1.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 8/2 Petrópolis: Vozes, 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX** – Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 2005. v. 1.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria Alice de Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996a.

MORIN, Edgar. **Sobre a Estética**. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2017.

MORIN, Edgar. **O âmago da questão**. Lisboa: Instituto Piaget, 2015.

MORIN, Edgar. A noção de sujeito. In: SCHNITMAN, Dora F. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b. p. 45-58.

MORIN, Edgar. **O método 4** – As ideias. Tradução de Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 1998.

MORIN, Edgar. **O método 3** – O conhecimento do conhecimento. 2. ed. Tradução de Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MORIN, Edgar. **O método 5** – A humanidade da humanidade. Tradução de Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **O método 6** – A ética. Tradução de Juremir Machado. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. **Diário da Califórnia**. Tradução de Carmen Cacchiacarro. São Paulo: SESC SP, 2012.

MORIN, Edgar. **Um ponto no holograma**. A história de Vidal, meu pai. São Paulo: Girafa, 2006.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, Edgar. **Les souvenirs viennent à ma rencontre**. Paris: Fayard, 2019.

Gustavo de Castro

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em São Paulo, SP, Brasil. Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bolsista de Produtividade de Pesquisa do CNPq. Professor de Estética da Graduação e da Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, DF, Brasil.

Endereço para correspondência

Gustavo de Castro
Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Ala Norte, Bloco A, Sala AT-633
Asa Norte, 70910-900
Brasília, DF, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.